

José Saramago

*Cadernos de Lanzarote - Diário V*, 1998, pp. 52-3

#### ESCREVER É TRADUZIR

Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua. Transportamos o que vemos e o que sentimos (supondo que ver e sentir, como em geral os entendemos, sejam algo mais que as palavras com que nos vem sendo relativamente possível expressar o visto e o sentido...) para um código convencional de signos, a escrita, e deixamos às circunstâncias e aos acasos da comunicação a responsabilidade de fazer chegar à inteligência do leitor, não tanto a integridade da experiência que nos propusemos transmitir (inevitavelmente parcelar em relação à realidade de que se tinha alimentado), mas uma sombra, ao menos, do que no fundo do nosso espírito sabemos bem ser intraduzível, por exemplo, a emoção pura de um encontro, o deslumbramento de uma descoberta, esse instante fugaz de silêncio anterior à palavra que vai ficar na memória como o rasto de um sonho que o tempo não apagará por completo.

O trabalho de quem traduz consistirá, portanto, em passar a outro idioma (em princípio o seu próprio) aquilo que, na obra e no idioma originais, já tinha sido "tradução", isto é, uma determinada percepção pessoal duma realidade social, histórica, ideológica e cultural que obviamente não era a do tradutor, substanciada, essa percepção, num entramado linguístico e semântico que igualmente não é o seu. O texto original representa unicamente uma das "traduções" possíveis da experiência de realidade do autor, estando o tradutor obrigado a converter esse "texto-tradução" em "tradução-texto", necessariamente ambivalente, porquanto, depois de ter começado por captar a experiência de realidade objecto da sua atenção, o tradutor realiza o trabalho maior de transportá-la intacta para o entramado linguístico e semântico da realidade (outra) para que está encarregado de traduzir, respeitando, ao mesmo tempo, o lugar donde veio e o lugar para onde vai. Para o tradutor, o instante de silêncio anterior à palavra é pois como o limiar de uma passagem "alquímica" em que o que é precisa de se transformar noutra coisa para continuar a ser o que havia sido. O diálogo entre o autor e o tradutor, na relação entre o texto que é e o texto a ser, não é apenas um diálogo entre duas entidades individuais que hão-de completar-se, é sobretudo um encontro entre duas culturas colectivas que devem reconhecer-se.

## WRITING IS TRANSLATING

Writing is translating. It will always be so. Even when we are using our own language. We transfer what we see and what we feel (supposing that seeing and feeling, as it is generally understood, are somewhat more than the words we try to use in order to convey what we see and what we feel...) into a conventional code of signs, writing, and we leave to the circumstances and to the hazards of communication the responsibility of bringing to the reader's understanding not so much the whole experience we intended to convey (which would inevitably be just a fragment of the original reality) as a shadow, at the very least, of something that we know deep in our mind is impossible to translate, for instance, the pure emotion of an encounter, the glow of discovery, that fleeting moment of silence preceding the word which will remain in our memory as the clue to a dream that time won't totally erase.

The task of the translator shall therefore be to change into another language (usually his own) what had already been "translation" in the original work and language, that is to say, a certain personal perception of a social, historical, ideological and cultural reality, obviously different from the translator's, a perception that is based upon a linguistic and semantic frame which is not his as well. The original text is just one of the many possible "translations" of the author's perception of reality, and the translator must convert that "text-translation" into a "translation-text", necessarily ambiguous, because, having begun by apprehending that perception of reality (the focus of his attention), the translator accomplishes the major task of transferring it untouched into the linguistic and semantic frame of the (other) target reality, while bearing in mind the place it came from and the place it is heading for. For the translator, that moment of silence preceding the word is just like the threshold of an "alchemical" passage where what is must become something else in order to remain what it had been. The dialogue between the author and the translator, within that relationship between the text that is and the text that shall be, is not only a dialogue between two individuals completing each other, but above all a communion of two cultures that should recognize each other.

*Trad. de Clara Sarmiento e  
Turmas de Tradução de Textos Literários (Inglês)*